

## DITADURA MILITAR E TEORIA QUEER EM *STELLA MANHATTAN*, DE SILVIANO SANTIAGO

### MILITARY DICTATORSHIP AND QUEER THEORY IN *STELLA MANHATTAN*, OF SILVIANO SANTIAGO

Recebido: 13/10/2021

Aprovado: 10/12/2021

Publicado: 22/12/2021

DOI: 10.18817/rlj.v5i2.2670

Jonas Vinicius Albuquerque da Silva Santos<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9084-6154>

Ligia Vanessa Penha Oliveira<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6771-9384>

**RESUMO:** A literatura gay no Brasil teve como uma das primeiras histórias a polêmica publicação de *O Bom Crioulo* (1895) do naturalista Adolfo Caminha e, a partir disso, houve um aumento, a passos pequenos, do número de obras literárias que envolvessem a homossexualidade em suas composições. Partindo disso, neste artigo realizamos uma leitura crítica da obra *Stella Manhattan*, um romance lançado em 1985 pelo autor brasileiro Silviano Santiago, que em sua narrativa apresenta um rapaz gay que é exilado nos Estados Unidos após a instauração da ditadura militar de 1964 e passa a trabalhar no consulado brasileiro, em Nova York. Santiago publicou sua obra após o término do período ditatorial brasileiro e não sofreu consequências graves, pois a homossexualidade era vista como uma doença. Já outros autores, como Cassandra Rios, tiveram suas obras censuradas pelos militares. Assim, intentamos abordar a temática da homossexualidade presente em *Stella Manhattan*, correlacionando-a com os estudos da Teoria Queer e com o contexto histórico presente no romance de Santiago. A análise aqui realizada baseia-se nos estudos de Berlant e Warner (2012), Lopes (2004), Judith Butler (2016), dentre outros teóricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria Queer. Homoafetividade. Ditadura Militar. *Stella Manhattan*.

**ABSTRACT:** The gay literature in Brazil has as one of the starts the polemic publication of *The Black Man and the Cabin Boy*<sup>3</sup> from the naturalistic Adolfo Caminha and, from that, it has been an increased, in small steps, of the numbers of literature works that involved homosexuality in its compositions. From that, in this article we did a critic reading of the work *Stella Manhattan*, a romance released in 1985 by the Brazilian author Silviano Santiago, that in its narrative present a gay boy that is exiled in the United States after the installation of the military dictatorship of 1964 and starts to work at the Brazilian consulate in New York. Santiago publishes his work after the end of the dictatorship Brazilian period and didn't was affected, because homosexuality was saw as a disease, but other author like Cassandra Rios, had their works censored by the military. Therefore, we intend to approach the homosexuality thematic present in *Stella Manhattan*, correlating with the studies of Queer theory, and with the historic context present in Santiago's romance. The analyze made has as base the studies from Berlant and Warner (2012), Lopes (2004), Judith Butler (2016), and others.

**KEYWORDS:** Queer theory. Homoaffectivity. Military Dictatorship. *Stella Manhattan*.

<sup>1</sup> Acadêmico de Letras - Português/Inglês e respectivas literaturas, na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA/Campus Caxias. Membro do grupo de pesquisa Literatura, artes e mídias - LAMID. Tem como principal linha de pesquisa o estudo da Teoria Queer. E-mail: jonasviniciusa@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras/Estudos literários pela Universidade Federal de Goiás/UFG e Mestra em Letras, com área de concentração em Literatura, Memória e Cultura, linha de pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero, pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano/IESF, membra do grupo de pesquisa Literatura, artes e mídias - LAMID. E-mail: lvpoliveira@gmail.com

<sup>3</sup> Tradução feita em 1982 por Edward Lacey.

## A morning in New York

A literatura é uma área do conhecimento que influencia e, ao mesmo tempo, é influenciada fortemente pela sociedade. O poder das narrativas vem transformando o corpo social constantemente com o passar dos séculos. Livros já foram censurados e queimados em períodos ditatoriais devido à possibilidade de libertação ideológica que as obras poderiam causar nas massas e, nessa perspectiva, é possível perceber a sua relevância na construção de uma percepção mais abrangente da realidade, que proporcionaria aos indivíduos capacidade de resistência e reação às relações de poder que porventura os mantêm subjugados. Os contextos nos quais as obras eram escritas e publicadas atuaram como agentes importantes nesse aspecto, pois eram eles seus principais objetos de crítica, tendo em vista seus representantes maiores e o público afetado negativamente nesse cenário. Dentre os temas abordados, um deles era a homoafetividade.

Existe um consenso entre críticos literários de que a presença da homoafetividade como tema central de produções literárias na literatura brasileira teve seu início com a obra *Um homem gasto* (1885), de Ferreira Leal, considerada por alguns como o primeiro romance com essa temática, apesar de conhecido por poucos, o romance antecede *O Bom Crioulo*. A partir da polêmica obra do autor, e com os estudos e movimentos LGBT, esse tipo de literatura foi se desenvolvendo, sendo produzida e lida com mais frequência. Silviano Santiago, ao escrever *Stella Manhattan* (1985), nos entrega uma das poucas obras literárias cujo tema central é a ditadura relacionada à homossexualidade. Vale ressaltar que, apesar do fato de que a obra fora publicada em 1985, a teoria Queer, que aborda a literatura gay e suas derivações, consolidou-se apenas no ano de 1990<sup>4</sup>.

*Stella Manhattan* suscita questões a respeito de imposições feitas em contextos nos quais determinada ideologia vigente condenava comportamentos que não estivessem de acordo com as normas estabelecidas. O livro conta a vida de Eduardo Costa e Silva, um jovem brasileiro que é exilado nos Estados Unidos por seus pais, após descobrirem que seu filho é gay. A narrativa se passa durante

---

<sup>4</sup> “Em fevereiro de 1990, Teresa de Lauretis empregou pela primeira vez a denominação Teoria Queer para contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero” (MISKOLCI, 2007, p. 2).

a ditadura militar brasileira, em 1969, e apresenta a personagem que dá título à obra, uma identidade do protagonista com um gênero diferente do corpo que habita.<sup>5</sup> Os fatos históricos da época são importantes e influenciam diretamente os rumos tomados pelo personagem, nos levando a considerar o romance, além de outras categorias, como político.

A obra será analisada à luz da Teoria Queer, considerando os pressupostos que abordam a literatura gay, pois a protagonista da narrativa identifica-se como tal, quando se transveste de Stella, ao apresentar determinados comportamentos e vocabulário. Além disso, tomaremos como base os estudos sobre o período histórico da ditadura militar brasileira para a crítica, pois acreditamos que as questões relacionadas à homossexualidade já existentes no período ditatorial do Brasil ainda são abordadas com pouca frequência.

### **Up up, Stella**

No início da obra somos apresentados à Stella Manhattan, uma personagem que demonstra autoconfiança, que seduz os homens e se diverte na medida do possível. Eduardo Costa e Silva, quando não assume a identidade Stella, é um rapaz tímido, sem muitos amigos, que conversa apenas com suas companheiras de trabalho, mas sempre de maneira cautelosa, devido a sua sexualidade. A situação de Eduardo é compartilhada por pessoas que, por conta de preconceitos estruturalmente instaurados, são classificados como anormais, aspecto esse que é presente em várias esferas sociais e abordado pela Teoria Queer.

A Teoria *Queer* nasceu a partir dos estudos culturais, uma área que abrange inúmeros fatores e tem, como um dos objetivos, o estudo das classes sociais que estão à margem da sociedade, sendo os homoafetivos os componentes de uma dessas esferas. A nomenclatura *Queer* surgiu do seu significado na língua inglesa (*estranho*, em tradução livre), que era usada para

---

<sup>5</sup> Como podemos observar nessa interação entre os personagens: "Comigo não", Eduardo estremece e solta um grito no ar, tirando o corpo fora de toda confusão. "Deve ser coisa da Stella só pode ser", e resolve repreende-la: "Faz das suas, põe as manguinhas de fora de down até up town, e quem paga o pato sou eu." "Calma, Edu, calma, relax", responde-lhe com dureza Stella, "não vai ficar aí pensando que chegou o fim do mundo. Vai ver que foi ele que entrou numa fria, aquele masoca. Não te telefonou de casa, é óbvio. Te telefonou da rua, logo devia estar no apartamento da Amsterdam, é lá que não tem telefone." (SANTIAGO, 2017, p. 45)

designar, de forma pejorativa, os gays, lésbicas, travestis, e outros integrantes da comunidade LGBT.

Quando os estudiosos surgiram com a ideia de destacarem os sujeitos que eram considerados estranhos pelos seus comportamentos, combinados com sua sexualidade, desejavam abraçar toda a “anormalidade” que lhes era atribuída, ou seja, a nomenclatura da teoria surge como forma de afronta.<sup>6</sup> Começando a ganhar força, conforme os movimentos sociais se expandiam por todo o globo, surgiram ramificações dentro do que seria o Queer: o homoerotismo, a identidade gay e o *camp* são apenas alguns exemplos de áreas abrangidas pela teoria em questão. Os pensamentos da filósofa contemporânea Judith Butler (2015) foram essenciais para a construção da Teoria Queer, sendo a dicotomia entre gênero e sexo uma de suas inquietações, especialmente relevante para a teoria que é:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2015, p. 25).

Como apontado pela autora, o gênero seria algo construído socialmente, baseado em ideias pré-estabelecidas de sujeitos que seguem uma determinada postura, de acordo com o sexo com o qual nascem. Aqueles que fogem dessa regra, ou seja, os indivíduos não possuem os comportamentos que são esperados deles, tendo como base de expectativa o seu corpo, são os que chamamos de Queer. Isso pode ser exemplificado por um personagem do romance em questão:

A diferença entre a bicha e o heterossexual é que este — seja homem ou mulher — já tem estilos de vida codificados, e o processo por assim dizer de amadurecimento nada mais e do que o de assumir um dos estilos já perfeitamente realizados pelas gerações passadas. É por isso, continuava Marcelo, que o heterossexual é tão pouco inventivo quando chega à idade da razão, fala a língua de todos, enquanto a bicha atinge a maturidade pelo constante exercício da imaginação em liberdade, inventar do cada dia o seu linguajar, que por isso mesmo tem

---

<sup>6</sup> A escolha do termo queer para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 1)

necessariamente de ser pitoresco. A bicha tem de criar um estilo que acaba por ser a maneira como se encaixa sem neurose e com sucesso dentro da comunidade que é obrigatoriamente heterossexual (SANTIAGO, 2017, p. 215;216).

As convenções socialmente estabelecidas criaram uma norma de conduta causadora do fato de os Queer serem, de certa forma, discriminados e rejeitados, alegando que as suas maneiras de viver não eram “corretas”. Também podemos perceber, a partir da fala do personagem, como os Queer acabaram por criar uma própria linguagem, estilo de vida, e comportamento, sem se prenderem a seus antepassados, já que foram excluídos da história e banidos da sociedade, deixando-os sem referência.

Tal forma de vivência é chamada heteronormatividade que, segundo os preceitos teóricos de Berlant e Warner (2002, p. 230), é identificada como as instituições, bem como as estruturas circunscritas à compreensão e às “orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada”. Os autores explicam ainda que a coerência intrínseca ao heteronormativo é sempre provisória, isto é, tem um caráter eminentemente mutável e, dessa maneira, seu “privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral” (BERLANT; WARNER, 2002. p. 230).

A heteronormatividade é considerada a principal opositora da Teoria Queer, pois a quebra desse padrão demonstra uma fuga à norma que vigora há muito tempo. Quando uma determinada pessoa tem características opostas ao seu sexo, de acordo com as normas baseadas no sexo do indivíduo, toda a sua vida pode ser afetada, dependendo do contexto em que está inserida, desde seu relacionamento com a família até à carreira profissional. Apesar de estarmos trabalhando com homoafetividade e figura masculina, é interessante ressaltar que a Teoria Queer engloba diversas sexualidades e identidades de gênero.

O homoerotismo é uma vertente voltada para as relações de dois indivíduos do mesmo sexo e gênero, deixando de lado questões de identidade ou política, sujeitos que sofrem menos opressão por conta da ausência da

heteronormatividade em seu comportamento. Atentando-se para o lado do desejo erótico e das relações sexuais, como o nome já explica, é o erotismo relacionado aos homoafetivos. A esse respeito, é pertinente o que é apontado por Souza (2010):

O termo “homoerotismo” vem como uma forma de evitar que as pessoas sejam associadas às suas preferências sexuais, o que é muito forte diante de nomenclaturas como “gay” ou “homossexual”. Quando alguém diz que é “gay” ou “homossexual”, o ouvinte dessa declaração identifica tal indivíduo como sendo portador de várias características que ele, esse ouvinte, considera relacionadas a um “comportamento” gay ou homossexual (SOUZA, 2010, p.43).

Mesmo que o relacionamento homoafetivo cause muito incômodo na sociedade, a heteronormatividade não atinge apenas a sexualidade, também influencia o comportamento do corpo social. Uma pessoa que possui uma conduta que assente com o heteronormativo permite uma convivência melhor com todos ao seu redor. A opressão desses sujeitos que fogem do padrão é oriunda de agentes que já possuem a heteronormatividade internalizada em seus princípios, e em muitos casos tentam ferir os indivíduos *Queer* com violência psicológica e, no pior dos casos, física.

Já a identidade gay busca a exaltação do corpo masculino, a quebra do padrão social entre sexo e gênero, os meninos femininos e as meninas masculinas, e é exatamente a partir de tal ótica que analisamos a obra *Stella Manhattan*. Essa teoria é mutável, assim como a maioria daquelas que compõe o estudo em questão, já que não possuem uma definição fixa. Uma das vertentes da identidade gay é o *camp*, usado por Silvano Santiago como uma paródia dos governantes brasileiros, que tinham repulsa a homoafetividade. Segundo Lopes (2014):

O termo *camp* aponta para uma sensibilidade e para uma estética marcadas pelo artifício, pelo exagero, presente no interesse por ópera, melodramas e canções românticas. O *camp* se situa no campo semântico de ruptura entre alta cultura e baixa cultura, como o kitsch, o trash e o brega. Como comportamento, a palavra remete à fecheação, ao homossexual espalhafatoso e afetado, ao transformista que dubla cantores conhecidos tão presente em boates e programas de auditório, não só como clichê criticado por vários ativistas e recusado no próprio meio gay, quando se deseja firmar talvez um novo estereótipo ou pelo menos uma imagem mais masculinizada de homens gays, mas como uma base para pensar um política sustentada na alegria e no humor,



como alternativa ao ódio e ao ressentimento. Através do humor, trata-se de uma estratégia do diálogo e de fluidez, não do isolamento e da marcação de identidades rígidas e bem definidas (LOPES, 2004, p.68).

Dessa forma, a análise aqui realizada é sobre o viés da literatura gay, e não homoerótica, pois as relações que os personagens mantêm com outros sujeitos masculinos é quase nula, e a principal característica das personagens como LGBT – principalmente a protagonista – é a sua extravagância que, nas palavras de Lopes (2014), é um aspecto “espalhafatoso e afetado”. Apesar disso, o sexo ronda o romance a todo momento, pois é a partir da filosofia de Bachelard, no qual “A conquista do supérfluo proporciona uma excitação espiritual maior do que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo e não da necessidade.” (BACHELARD *apud* SANTIAGO, 2017, p. 11), que o romance é construído.

Assim, o desejo homoafetivo é inferiorizado em muitas vertentes, e numa visão cristã da sociedade heteronormativa, a relação sexual entre dois homens significa o desperdício do sêmen que, segundo muitos indivíduos, seria a essência da vida. Em *Stella Manhattan*, o personagem principal, sempre que possível, está frequentando lugares considerados impróprios, como *pubs* em que há prostituição masculina, bebendo e desejando estar junto de seu amado Rickie para ter relações sexuais.<sup>7</sup>

Podemos que, durante a relação sexual, o papel do ativo, ou seja, performa o papel masculino, ao penetrar, está numa posição superior numa "hierarquia", já que não sai de seu papel criado pela heteronormatividade. O sujeito com identidade gay é aquele que é penetrado, e essa característica possui extrema importância para a construção da imagem social do homoafetivo, sendo ela usada frequentemente para identifica-lo dentro de relações entre gays.

Apesar de ambos estarem tendo uma relação com um homem, a posição de passivo é considerada inferior, pois o papel que esse sujeito está submetido é feminino, o de ser penetrado. A figura feminina é tida como inferior na sociedade desde a civilização grega. Para os gregos, ser penetrado por um homem mais velho e rico era uma prática comum, e muitas vezes necessária para a formação

---

<sup>7</sup> O chiado ou a atitude de espera lhe trazem de volta o corpo de Rickie na cama sendo tomado de um prazer violento, gênero esbugalha os olhos, perde não perde a respiração, ofega que ofega que nem asmático no auge da crise. (SANTIAGO, 2017, p. 27)

do indivíduo, porém ter o mesmo ato com um rapaz mais novo, ou mais pobre, era considerado estranho e inferior. Na escala social, a mulher está abaixo desses dois sujeitos masculinos, ou seja, na posição de inferioridade da sociedade (SOUZA, 2010), e no coito, possui o papel de ser penetrada.

Os sujeitos com identidade gay, o passivo, a *bicha*, são considerados inferiores na sociedade, pois performam a feminilidade no seu cotidiano, como apontado por Butler (2015), por se construírem como mulheres, mesmo tendo genitais masculinos, adotam um comportamento similar ao gênero feminino. Por conta disso, foi construída a ideia de que também tenham esse papel feminino quando estão na relação sexual com seus parceiros, tornando-os inferiores, já que a penetração seria afirmação da masculinidade, como aponta Souza:

É esse símbolo do poder masculino que, em nossos dias, ainda não admite a realização do desejo sexual homoerótico de nenhuma espécie, nem entre homens, tampouco entre mulheres, pois, de formas diferentes, a realização desse desejo ameaça a hegemonia masculina, uma vez que, na relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, o dominador, ou seja, o homem, é deslocado do seu papel ativo, para assumir também a posição do dominado, ou seja, o papel passivo; e, por outro lado, o dominado, ou seja, a mulher, é elevado à condição de dominador quando exerce o papel ativo na relação sexual homoerótica (SOUZA, 2010, p. 20).

A partir disso, devemos levar em consideração o contexto histórico brasileiro durante a história de Stella Manhattan, pois a masculinidade, a disciplina e a hegemonia de poder foram essenciais para estabelecer os conceitos militares e, posteriormente, formar a ditadura brasileira. Além disso, conforme Souza (2010), a realização do desejo homoerótico ameaça a hegemonia masculina que estava sendo fortemente representada pelos militares durante o momento em que a trama da obra em questão se passa, ou seja, a própria narrativa representa uma afronta para aquela relação de poder baseada na virilidade.

Após o golpe de 64, instalou-se no país um regime ditatorial comandado pelos militares, inicialmente administrado pelo presidente Humberto Castello Branco e, pouco tempo depois, governado por Arthur Costa e Silva, presidente que encetou o momento mais brutal da ditadura. A exaltação da pátria foi, de



certa forma, forçada nos cidadãos brasileiros, já que o Brasil estava sendo governado pelos maiores “patriotas” que deveriam existir em um país.

Além disso, testemunhamos Cuba se aliar à União Soviética em plena guerra fria, passando por grandes turbulências até a ascensão de Fidel Castro. Tomando como base esse contexto do pequeno país da América Central, a obra nos apresenta personagens de origem cubana como uma forma de alegoria do papel importante que o país exercia naquele momento histórico. Todas essas informações históricas são relevantes e contribuem para o fim de Eduardo, já que, devido a tensão política daquele momento, muitos órgãos governamentais, dos EUA e do Brasil, estavam atentos a qualquer movimento da bandeira vermelha. Nesse sentido, *Stella Manhattan* é um romance que pode ser classificado como político por sua veracidade em muitos fatos que aconteciam durante os eventos da narrativa. De acordo com Arruda (2016):

[...] tanto no romance histórico quanto no romance político, as personagens, os eventos, os ambientes, os acontecimentos não apenas se parecem com personagens, eventos, ambientes e acontecimentos, mas são personagens, eventos, ambientes e acontecimentos verídicos, reais e com frequência conservam suas marcas de identificação no que concerne especialmente aos nomes próprios, às datas, isto é, às suas “marcas registradas” que são possíveis de serem verificadas em outras fontes como jornais, livros etc. (BASTOS *apud* ARRUDA, 2016, p. 6).

Dessa maneira, podemos observar como a obra em questão é uma crítica direta não apenas ao governo e ao contexto histórico brasileiro no qual é narrada, mas também ao patamar mundial com personagens cubanos, norte-americanos e de outras nacionalidades que representam o que acontecia nos anos 1960, numa das principais metrópoles do mundo.

Assim como o texto, que mistura três línguas, parágrafos de 2 linhas, e outras características, os personagens de Silviano Santiago são dobradiços, onde suas ações extrapolam os limites da moldura, assim como as obras da pintora Lygia Clark. Vemos isso principalmente em *Stella* que, conforme Barbosa (2005, p.148): “O que Eduardo realiza é uma exploração de seu potencial enquanto ser humano, sem uma preocupação com o uso de máscaras ou a revelação de qualquer essência; o que ocorre é o uso prazeroso do corpo, na descoberta da multiplicidade da vida e de suas possibilidades”, desse modo, a desordem é uma

particularidade relevante em todo o romance. Já em relação à sexualidade, a obra comporta personagens gays, bissexuais, heterossexuais e identidades travestis.

Eduardo possuía um amigo e vizinho, também homossexual, Paco que, apesar de aparecer em poucos momentos da trama, possui seu lado afeminado nomeado, por Eduardo, de Lacucaracha, assim como acontece com o protagonista e Stella. O personagem tem origem cubana, por isso possui dificuldade em se encaixar naquele meio, pois os imigrantes eram vistos como más influências, além da desconfiança, por parte da sociedade e do governo, por conta da crença de que eles seriam espiões do governo de Fidel.<sup>8</sup>

Paco representa a forte imigração que acontece até hoje, de cubanos que buscam refúgio do governo de seu país nos Estados Unidos. A preferência pelo país se dá por inúmeros fatores, até mesmo por conta da proximidade geográfica entre as nações. O cubano contribui com a influência, acrescentando frases e determinadas expressões na língua espanhola durante a narrativa.

Além de Paco, temos outros personagens como General Vianna, que é casado e mantém relações com outros homens. Expressa sua feminilidade usando roupas de couro e adotando a personalidade de Viúva Negra, nome também concebido por Eduardo. Vianna dá ao protagonista o emprego no consulado a pedido do pai do rapaz, que é amigo de infância do militar. No decorrer da trama, o segredo do personagem é posto em risco, e a partir daí vemos como a homofobia é comumente encontrada no contexto em que o militar se encontra, nesse caso, no exército, se manifestando até nos próprios sujeitos homossexuais, como podemos observar nessa passagem:

Vianna sabe que tem que ser persistente. Não é fácil convencer sem o uso da força. Se fosse, sua vida teria sido diferente. [...] O que não pode, não pode de modo nenhum, é deixar que o seu nome transpire. Pior que a reação no consulado, pior que a reação dos colegas de farda no Brasil, pior de tudo é a reação dos colegas de serviço na inteligência americana. [...] São intolerantes paca, parece que são escolhidos como os opostos dos ingleses. Não sabem como os ingleses admitiram tanta bicha no serviço secreto. Deu no que deu, todos comunistas. E como não sabem, tomam todas as precauções. Os ianques perdoam tudo, bebida, mulher, taras, até droga, perdoam tudo, menos bicha. Toda

---

<sup>8</sup> Lacucaracha, chamado Paco, de batismo Francisco Ayala, era um cubano fugido da ilha no início da década, bien gusano y anticastrista, que escolheu Nova York em lugar de Miami. Para justificar a escolha, dizia: "Para una persona como yo que siem pre vivió en la Havana, no hay más que dos ciudades en el planeta: Paris y Nueva York", e continuava: "Paris está en manos de los comunistas, y Nueva York en manos de nosotros, amantes de la libertad".

bicha é comunista. Sua carreira, seus contatos nos States, tudo por água abaixo (SANTIAGO, 2017, p. 231).

O personagem de Vianna é importante para o desenrolar da trama e aparece com frequência, vemos que sua identidade como Viúva Negra está principalmente ligado aos seus desejos sexuais, que estão estritamente ligados a roupas de couro pretas, e por isso a cor aparece em seu nome. Porém, podemos ver que através de toda a figura masculina e viril, o general tem uma identidade gay, que precisa se vestir com roupas, ditas sadomasoquistas pelos personagens da obra, para se expressar, o que mostra sua insegurança e medo de se assumir como homoafetivo.

É possível observar também que quando usa o adjetivo “bicha” para se referir aos homossexuais, manifesta a sua homofobia. Tal fator é cumulativo à heteronormatividade, uma vez que, como explicado, esse fenômeno está intrinsecamente ligado à formação da sociedade, sendo encontrado no pensamento de muitos, de forma enraizada. Em vários momentos da obra, a heteronormatividade se mostra em evidência, como quando Stella “ameaça” aparecer no consulado para conversar com as colegas de Eduardo: “Por não ter deixado ela deitar na cama com John Lennon e Yoko, Stella ameaçara Eduardo com uma visita ao consulado e um bom papo bem descontraído e revelador com as mulheres do sabonete araxá” (SANTIAGO, 2017, p. 25).

Como foi possível perceber, o gênero feminino iria se apresentar em um corpo de sexo masculino, o que contrariaria os padrões da heteronormatividade impostos pela sociedade, principalmente com as ditas mulheres do sabonete araxá<sup>9</sup>, que remete às colegas de trabalho do protagonista que diziam: “O Eduardo tem um jeito tão engraçado...” (SANTIAGO, 2017, p. 23), como uma forma de notar e condenar a maneira afeminada como o personagem se comporta.

No contexto da Guerra Fria, o governo brasileiro estava atento a muitos movimentos sociais democráticos (movimento feminista, LGBT, e negro, por exemplo) como uma forma de ameaça devido à revolução cubana. Tal fato histórico levou muitos países a temerem o golpe comunista, pois a luta e

---

<sup>9</sup> Poema de Manuel Bandeira.

consciência de classes juntamente com os valores que tais movimentos defendiam foram os primeiros passos para a ascensão do povo e instalação do regime.

A partir disso, uma espécie de perseguição aos homossexuais foi iniciada por todo o país, já que estes estavam diretamente ligados aos movimentos, e houve uma tentativa de oprimir qualquer relação da mídia com tal subversão, como forma de impedir que a homossexualidade se espalhasse pelo país, assim Cowan (2018) aponta:

Nos anos imediatamente depois do golpe de 1964, ativistas direitistas de envergadura nacional condenaram a homossexualidade como manifestação da subversão; esta perspectiva apareceu também, nas principais instituições e publicações do próprio regime, onde teóricos e mesmo forças de segurança viam no desejo homossexual uma tática da guerra revolucionária (o nome doutrinário que os teóricos da contrasubversão deram à espécie de guerra supostamente criada pelos comunistas para destruir o Ocidente) (COWAN, 2018, p. 3).

Essa repressão dos militares e a conexão feita pelo governo entre homossexualidade e comunismo está evidente na obra de Santiago, tanto no pensamento do general Vianna anteriormente citado, quanto na perspectiva de outros personagens com cargos importantes no governo brasileiro. Também podemos tomar isso como base quando falamos da frágil masculinidade que o governo militar estava construído, já que o homoafetividade ameaçava o governo.

O professor Aníbal é a personificação da ditadura e da visão dos militares perante seu regime, como tudo na obra é uma combinação entre sexo e política, o personagem cadeirante, da alta sociedade, possui desejos sexuais estranhos pois, de certa forma, não consegue ter relações com sua esposa, uma vez que seu casamento está em crise e, para se satisfazer sexualmente, o professor se masturba enquanto assiste sua mulher beijar outros homens do alto de seu prédio com um binóculo.

Em seu lado político, Aníbal é tido como um dos idealizadores do regime ditatorial, sendo um dos intelectuais que ajudou a formar suas leis, e também acredita na condenação da homossexualidade, entendendo-a como uma espécie de ameaça. Ao ser consultado por dois agentes do serviço secreto sobre Eduardo, o professor afirma:

E se o rapaz não for culpado? Apenas uma vítima de um equívoco, lembra o subordinado [...]. Como se pudesse, o senhor não conhece os terroristas brasileiros, se vê logo que o senhor não os conhece. São todos os veados, com perdão da palavra, mas numa hora dessas é bom ter os pingos is. O rapaz é, os terroristas são, logo inimigos é que não são. Se entendem entre eles. São todos da mesma laia. E como tal, estão metidos no mesmo saco (SANTIAGO, 2017, p. 259).

Ainda sobre o professor Aníbal, e sua conversa com os agentes, vemos como ele acredita que o regime é a melhor solução para o Brasil quando diz que “o país, o gigante adormecido [...], dá uma grande arrancada para o futuro.” (SANTIAGO, 2018. p. 251). Mantendo o seu ponto de vista político, podemos comprovar a existência de tais intelectuais com pensamento similares ao de Anibal nas pesquisas de Cowan (2018):

Na verdade, esta noção de homossexualidade como ameaça à segurança nacional já foi elaborada por intelectuais militares e conservadores civis que apoiaram o regime. Em alguns casos, isto meramente significava que reacionários moralísticos igualaram homossexualidade à subversão de várias formas (COWAN, 2018, p. 33).

Dessa forma, podemos ver como a construção do romance de Silviano Santiago dialoga com casos concretos da ditadura, e principalmente os ideais que a construíram onde acreditava-se que qualquer sinal de desenvolvimento social seria culminado em uma ditadura comunista. O personagem Aníbal é um bom exemplo onde podemos explorar um pouco da mentalidade predominante entre os principais intelectuais do período militar.

Outro ponto relevante da conversa é quando o personagem discute questões relacionadas à censura, uma temática vigente até os dias de hoje. A imprensa norte-americana acreditava que a ascensão dos militares veio a partir de um golpe de estado. Sendo assim, um dos agentes provoca o professor ao dizer: “Graças a Deus, nos Estados Unidos a imprensa é livre. E estamos muito orgulhosos de mantê-la assim” (SANTIAGO, 2017, p. 254). Então, o professor argumenta que, por mais que a mídia do país seja livre, existe o que ele chama de autocensura: “E o senhor acha que há censura no seu país porque não divulgam os manifestos bombásticos de Malcolm X ou Jerry Rubin?” (*Idem*, 2017, p.255).

A autocensura da qual o personagem faz referência é a de que os próprios jornais norte-americanos não publicam determinadas matérias, pois sabem o poder de influência das palavras, e como a divulgação desses pensamentos causariam um conflito ou nas palavras do agente “Os jornais não podem dar espaço a essas loucuras, se dessem, isso viraria um verdadeiro hospício” (SANTIAGO, 2017, p. 255).

Tomando como base esse pensamento do controle de informações, o professor argumenta que o que acontece no Brasil é algo semelhante, mas com a interferência do governo pois “é um país jovem, com políticos irresponsáveis, com alta taxa de analfabetismo” (p. 255), tudo isso é chamado pelo pensador de leis protetivas. É interessante a visão do personagem perante essa situação porque, de certa forma, observamos a desculpa que os militares usavam para justificar seus atos de censura.

A personagem principal, Eduardo Costa e Silva, aceita sua mudança aos Estados Unidos, mas em momentos de crise ainda deseja regressar para sua pátria, pois acredita que o Brasil era sua casa. Apesar de ser um rapaz introvertido e inseguro, quando se traveste de Stella Manhattan tem seus pensamentos e comportamentos mudados de uma forma que beira à esquizofrenia. Temos uma visão periférica da personagem, pois Stella não aparece com tanta frequência quanto Eduardo, o que nos leva a considerar como a personagem feminina foi construída. Sobre a construção do gênero feminino, Judith Butler (2015) aponta que:

Simone de Beauvoir sugere, em *O segundo sexo*, que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” Para Beauvoir, o gênero é “construído”, mas há um agente implicado em sua formulação, um cogito que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro. É o gênero tão variável e volitivo quanto parece sugerir a explicação de Beauvoir? Pode, nesse caso, a noção de “construção” reduzir-se a uma forma de escolha? Beauvoir diz claramente que alguém “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2015, p. 29).

Por esse prisma, é possível acreditar que, em alguma parte de sua vida, Eduardo se tornou mulher, assumiu o gênero feminino, mesmo com o sexo masculino. As questões que definem a feminilidade são diversas, mas acredita-se



que a principal delas é a submissão ao gênero masculino, papel no qual a mulher está inserida desde os primórdios da história humana. Podemos observar isso em diversas partes da obra nas quais Eduardo é reduzido aos desejos de Vianna em manter sua sexualidade escondida, ou de ceder seu nome para alugar um apartamento em que o coronel pudesse se trocar e levar seus companheiros. A personagem Stella Manhattan representa, na verdade, a identidade gay do personagem Eduardo, pois como aponta Miskolci (2012):

A experiência da abjeção deriva do julgamento negativo sobre o desejo homoerótico, mas sobretudo quando ele leva ao rompimento de padrões normativos como a demanda social de que gays e lésbicas sejam “discretos”, leia-se, não pareçam ser gays ou lésbicas, ou, ainda, de que não se desloque os gêneros ou se modifique os corpos, o que, frequentemente, torna meninos femininos, meninas masculinas e, sobretudo, travestis e transexuais vítimas de violência (MISKOLCI, 2012, p. 44).

Apesar disso, o que se esperava das pessoas LGBTs daquela época era o sigilo de suas ações, principalmente os homens gays brasileiros que trabalharam em alguma instituição do governo dos militares. Como aponta a pesquisa de Crowen (2018) sobre os motivos de demissões durante a ditadura por motivos de subversão (boatos de embriaguez, homossexualidade, prostituição, “insanidade”, inconformidade de gênero ou alguma combinação dessas infrações): “um cônsul adjunto, foi descrito como ‘homossexual, conhecido no círculo de seus pares como Anita’”. Outro, segundo Crowen (2018) “declara-se, ele próprio, uma ‘prostituta’”. O informe recomendou a demissão de pelo menos nove diplomatas por homossexualidade [...]” (CROWEN, 2018, p. 33).

Porém, o desejo homoerótico de Eduardo está exposto, por que o personagem tem um amor por Rickie, independentemente de estar como Stella Manhattan ou como o jovem Costa e Silva. Um rapaz branco de olhos azuis e cabelos loiros, conforme descrito pelo narrador, e em alguns momentos Stella/Eduardo acredita que o norte-americano mantém relações com eles apenas pelo interesse financeiro, mesmo tentando se convencer do contrário.

A dicotomia de Butler entre gênero e sexo pode ser relacionada com a questão da identidade na obra, pois muito do *camp* se reflete em sujeitos que

lutam contra os padrões de heteronormatividade através da performatividade de um gênero oposto ao seu.

De acordo com os estudos butlerianos, tais identidades são aquelas que não se tornam escravas de um compulsório destino biológico, conferido pelo nascimento de um indivíduo, mas resultam de uma construção performática que repete algo já socialmente estabelecido (BUTLER, *apud* SILVA, 2014). A teórica aponta que, apesar de existirem sujeitos que quebram o padrão da heteronormatividade, esses também acabam repetindo algo já socialmente construído, ou seja, criam um modelo de meninos afeminados e meninas masculinas, e vemos o reforço desses estereótipos em Stella Manhattan.

Podemos dizer que o livro não procura meios-termos, amores idealizados ou qualquer forma de eufemismo, isso porque a verossimilhança com a realidade, através do traço político do romance, é uma característica acentuada na narrativa. Eduardo e Stella arriscaram muito, em diversos momentos, ao serem vistos como homoafetivos que vão contra os padrões heteronormativos, como quando a vizinha da frente o vê fazendo o ritual matinal de Stella<sup>10</sup> ou quando as colegas de trabalho de Eduardo sugerem seu lado homoafetivo pela maneira que ele se comporta.

Além disso, ele também expôs seu nome ao compactuar com algumas ideias do coronel Vianna. Tudo isso mostra como o sistema, que poderia ser representado pela CIA, FBI e pela ditadura que ocorria no Brasil e em Cuba, trata os homossexuais, a ponto de Eduardo ser assassinado e sua morte ter sido mantida em sigilo. Apesar disso, na narrativa, Eduardo foge, pois está sendo procurado para esclarecer o porquê de alguém, que não é ele, estar usando o apartamento alugado em seu nome.

É justamente por conta desse assassinato e do exílio do protagonista que alguns escritores apontam a maneira pela qual o autor via os homoafetivos, pois eles sofrem as consequências por saírem do padrão. O exilado é mandado para a

---

<sup>10</sup> Quando expira, Stella abre os braços e fecha os olhinhos amendoados e saudosos de sol tropical e calor carioca, e a fumaça sai arredondada e com langor preguiçoso dos lábios, compondo a palavra “sa-uuuuuuu-de”, bordando dolentemente o u, comparada brusca de ginasta na sílaba final, e Stella continua, antes de inspirar de novo, olhinhos abertos e brejeiros de odalisca *south of the border*<sup>23</sup>: “Muita saúde, muito sexo e muitos anos de vida para gozar.” Abre os olhos, inspira; fecha os olhos, expira “sa-uuuuuuu-de”. Stella percebe, como não ia perceber? A velha vizinha de frente que o observa entre assustada e medrosa por detrás da vidraça do seu apartamento. Esta comenta o teatrinho matinal de Stella no palco da janela aberta, comenta-o com gestos e palavras dirigidos ao marido entrevado na cama, [...] (SANTIAGO, 2018, p.11).

cidade de Nova York, pelos pais, justamente por ser gay, acaba morrendo pelo mesmo motivo. Independentemente do local, naquele contexto histórico, ao redor do mundo, os homossexuais não se encaixavam e eram tratados como a margem da sociedade.

### **Lá vou eu, Divina!**

Apesar de *Stella Manhattan* ser uma obra que está em evidência como um dos pilares da formação da literatura brasileira *Queer* contemporânea, quase foi perdida na história com suas escassas edições. Felizmente, em 2017, assim como toda a obra de Silviano Santiago, foi relançada pelo Grupo Companhia das Letras, gerando impulso na popularização da obra, e abrindo portas para mais discussões em torno da história de Eduardo e Stella.

Discutindo temáticas que não saíram dos olhos do povo brasileiro desde 1985, como censura, homoafetividade e heteronormatividade, o romance mostra como o fenômeno heteronormativo tem influência em diversos países, cada um com sua particularidade, mas com algo em comum: a intolerância. Demonstrando as formas de poder, a obra denuncia homofobia, corrupção, heterossexualidade compulsiva e outros males da sociedade. É uma narrativa política, pois apesar de ser fictícia, tem muitos fatos históricos que são verídicos, e tais eventos são relevantes para o desencadeamento da narrativa, nos apresentando uma alegoria dos poderes vigentes naquela época através de personagens bem distintos interagindo no romance.

Vemos como devido ao contexto político em que o mundo se encontrava durante os acontecimentos do romance, como a Guerra Fria em seu apogeu, além dos sucessivos golpes militares que aconteceram na América Latina devido à Revolução Cubana e o medo dos Estados Unidos que o comunismo se espalhasse pelos demais países, os homoafetivos e demais grupos minoritários foram atingidos. Assim, qualquer ligação a exigência de direitos iguais por grupos sociais era diretamente ligada ao comunismo, à subversão, e a revolução popular, algo que naquele contexto era indesejado e poderia significar um peso na balança dos países envolvidos na Guerra Fria.

Podemos concluir que a obra chega em seu apogeu ao representar nos dias de hoje, uma subversão daqueles sombrios dias que se iniciaram em 1964 e continuaram até 1985, ao atacar um ponto fraco daqueles que comandavam o país: a masculinidade. Mostra também o que acontece com aqueles que atacam o regime, como a tortura praticada não era a única maneira que os militares conseguiram para fortalecer seu poder e também o medo do que seria desafiá-los. Por fim, ressaltamos que a homoafetividade era vista como uma forma de subversão pelos militares, chegando a ser maior que muitos crimes que os mesmos cometeram contra os direitos humanos, de forma que Eduardo preferiu morrer a deixar a sua verdade e a de Vianna transparecer.

### Referências Bibliográficas

- ARRUDA, H. M. D. S. C. *O espaço e as identidades em trânsito - uma reflexão acerca do romance político Stella Manhattan, de Silvano Santiago*. TOPUS, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 1-21, jul./2016. Disponível em: <<http://www.revistatopus.com.br/en/enviados/2016914163926.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2019.
- BARBOSA, Josane Fátima. *Entre dobradiças e dobraduras: A construção da personagem em Stella Manhattan, de Silvano Santiago, e Brasil, de John Updike*. Em tese, Belo Horizonte, v. 9, p. 1–281, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3544/3504>>. Acesso em: 14/04/2020.
- BERLANT, Laurent e WARNER, Michael. *Sexo em Público*. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor) *Sexualidades Transgressoras*. Barcelona, Içaria, 2002. p.229-257.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- COWAN, B. *Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar*. In: QUINALHA, J. N. G. E. R. (Orgs.) *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: UFScar, 2018 p. 27-52.
- ENCICLOPÉDIA: ITAÚ CULTURAL. *Silvano Santiago*. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1243/silvano-santiago>. Acesso em: 9 out. 2019.
- LOPES, Denílson. *Desafios dos estudos gays, lésbicos e transgêneros*. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 63-73, 2004.
- MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. Sociologias. Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, jun. 2009. Disponível

em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222009000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em: 08 abr. 2020.

MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. In: Sociologias. Porto Alegre, ano 11, v. 1, n. 29, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 22. jan. 2020.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012. 80 p. (Série Cadernos da Diversidade, 6).

SANTIAGO, Silvano. *Stella Manhattan: romance*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; JUNIOR, Alides Baptista Chimin (Org.). Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013, p.143-182.

SOUZA, de W. *Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.